

## 2º RELATO CRÍTICO

---

**“Maneiras de expor: arquitetura expositiva de Lina Bo Bardi” no Museu da Casa Brasileira sob curadoria de Giancarlo Latorraca e “A Arquitetura Política de Lina Bo Bardi” no SESC Pompeia sob curadoria de André Vainer e Marcelo Ferraz.**

---

Em 1961, Lina escreve:

“O Brasil está conduzindo, hoje, a batalha da cultura. Nos próximos dez, talvez cinco anos, o país terá traçado os seus esquemas culturais, estará fixado numa linha definitiva: ser um país de cultura autônoma, construída sobre raízes próprias, ou ser um país inautêntico, com uma pseudocultura de esquemas importados e ineficientes.”

Lina foi uma das primeiras arquitetas em solo brasileiro a se importar com a expografia dos objetos utilizando e sendo sensível à cultura nacional. Isso, aliado ao cuidado com os materiais utilizados nas diferentes partes do projeto, desde a composição química até seu significado histórico, resultaram em exposições memoráveis.

Em sua exposição “*Caipiras, Capiaus: Pau- a-Pique*”, de 1984, no Sesc Pompéia, reproduziu as construções de pau-a-pique do nordeste brasileiro de forma fiel. Eram construções sazonais que precisavam ser reconstruídas a cada dois ou três anos, de acordo com o calendário seminômade do sertanejo que precisava mudar periodicamente de lar por conta dos problemas das secas.

Lina discordava das moradias populares construídas pelo governo na época porque não seguiam o modelo dessas casas tradicionais na região. Discordava, principalmente, das tentativas do governo brasileiro, apoiadas por alguns intelectuais, da emulação das visões eurocêntricas em relação ao desenvolvimento cultural, artístico, arquitetônico e até folclórico, algo que ficou ainda mais evidente durante a Ditadura Militar.

Para ela, o folclore é algo reacionário. Sendo assim, as medidas de qualquer governo para tentar incitar ou mesmo causar eventos folclóricos era algo com a qual ela

não podia concordar. Afirmava que o folclore surgia por causa dos costumes existentes, não o contrário.

Irônico é o fato de que tenha sido uma arquiteta nascida na Itália que insistia na superioridade da cultura brasileira em vez dos modernistas brasileiros da época. A cultura regional era da maior importância em todos os seus projetos, como podemos ver em suas três maiores obras arquitetônicas: o Unhão, o MASP e o SESC Pompéia.

Lina projetou o MASP em 1947 convidada por Assis Chateaubriand. O museu, no entanto, só foi inaugurado em 1968. Sua intenção na obra era a de que durasse para sempre, que fosse monumental. Ela contou que o vão, marca registrada do museu, foi necessário porque a família paulistana que tinha doado o terreno à prefeitura não permitia que se construísse em cima do Belvedere; ela, portanto, fez uma estrutura que paira sobre o terreno. O vão é largo, mas não muito alto, pois na época de sua construção não havia arranha-céus na Av. Paulista.

De fato, o projeto da Av. Paulista estava direcionado a outro lugar, não ao que hoje ela se encontra.

Embora atualmente o projeto do MASP tenha sido mudado, em sua concepção original as vigas de concreto não eram pintadas, o grande Hall Cívico possuía pedra goiás no piso, os vidros eram temperados, o Belvedere seria uma praça de paralelepípedos como na tradição ibero-brasileira e estaria cheia de flores e, até, plantas aquáticas.

O que mais chama a atenção neste projeto é que o museu era transparente à cidade, com suas janelas de vidro, e as obras estariam em exposição da mesma forma que foram criadas — não em uma parede, mas no espaço, seguradas por cavaletes de vidro. Mais: primeiro se admiraria a obra, pura, para depois, na parte detrás, ler as informações sobre ela. Isso significava a demanda de um espectador ativo ao invés da passividade esperada nos museus europeus. O museu seria assim, não um ambiente que causaria desconforto e infligiria um certo comportamento em seus visitantes, mas teria como missão simplesmente expor a arte, sem pretensões de grandiosidade pela expografia. À isso e a outras “soluções simples”, Lina Bo Bardi chamava de Arquitetura Pobre.

Em seu trabalho de revitalização do Solar do Unhão, concluída em 1963, Lina Bo Bardi procurou preservar todos os aspectos dramáticos do ambiente. Sua única intervenção

foi uma escada construída com um sistema dos antigos carros de boi. A escada, muito apreciada por seu design, está entre uma das mais belas do mundo. Foi projetada de tal forma que não é necessário corrimão, a estrutura da escada já oferece auxílio através dos próprios degraus — estruturas largas, de madeira, em que dependendo da posição a subida ou descida é mais rápida (centro) ou mais devagar (nas extremidades).

A preocupação de preservação é característica de Lina. Talvez isso seja ainda mais evidente quando foi chamada para transformar em centro de lazer a então abandonada Fábrica de Tambores da Pompéia, em 1976.

A Pompéia era na época importante polo industrial em São Paulo, com muitos descendentes de italianos que nos finais de semana se uniam em lugares públicos para jogar futebol, assar churrasco, brincar.

A arquiteta não mexeu no desenho original, pois o achava arquitetonicamente importante e a estrutura de concreto a encantava. “Nós colocamos apenas algumas coisinhas: um pouco de água, uma lareira”, disse ela. Preocupou-se em manter o caráter popular da construção e da região.

Do lado da fábrica, num espaço limitado, construiu dois blocos, os das quadras, piscinas e vestiários, ligados entre si por passarelas aéreas em seu material preferido: o concreto pretendido. A construção do centro esportivo foi inspirada pelos fortes na costa litorânea brasileira. Mas esse não é o único aspecto original da obra. Como Lina tinha horror aos ar-condicionados, fez “buracos” nas paredes que permitiam uma ventilação cruzada permanente. Lembram janelas pré-históricas nas cavernas, e fazem parte da gama de soluções simples que constituem sua Arquitetura Pobre.

Deixando os aspectos técnicos e tecnocráticos de lado, Lina era sucesso de público. Em sua exposição "Mil Brinquedos para a Criança Brasileira", que permanece no Sesc Pompéia entre dezembro de 1982 e julho de 1983, o público compareceu em peso, assim como em todas suas exposições no local. Lina, ainda, recebia muitos elogios de crítica. O grande arquiteto Oscar Niemeyer, ao visitar o MASP recém-inaugurado, escreveu-a um bilhete em que dizia: “É muito bonito. O melhor e mais belo museu que conheci”.

Apesar de ter caído no esquecimento no quadro arquitetônico brasileiro (como podemos notar nas alterações ferrenhas feitas no projeto original do MASP), em seu

centenário de sua morte, Lina Bo Bardi volta ao imaginário brasileiro. Aquilo que mais temia, a “copiação” brasileira dos conceitos de belo segundo o ponto de vista europeu ou americano, aconteceu. Estaria, porém, tudo perdido? Estaria o país fadado a inautenticidade para sempre?

Em 1986, ela pondera:

“O Brasil entrou, queira ou não, na era da industrialização. [...] E aquilo que era ‘aproveitável’ naqueles anos [passados], hoje é a história. [...] Que a página seja virada, e que o esforço continue com a sinceridade que nos pusemos na pesquisa das forças básicas do país.”